



HOLLARD RECEBE UMA MÉDIA DE DEZ CURRÍCULOS POR DIA DE ESTRANGEIROS INTERESSADOS EM TRABALHAR NO BRASIL

Problemas com mão de obra? Não para todos

A MICHAEL PAGE, MULTINACIONAL INGLESA DA ÁREA DE RECRUTAMENTOS, VÊ O FATURAMENTO SUBIR 60% COM O AUMENTO DAS CONTRATAÇÕES NA AMÉRICA LATINA

PAULA PACHECO, DE SÃO PAULO

Muitos executivos têm perdido o sono com a falta de profissionais qualificados – problema que vem a reboque do crescimento econômico do Brasil nos últimos anos. Mas há quem aproveite o momento delicado para faturar. “Ninguém pode reclamar. Estamos num mercado excep-

cional”, diz Patrick Hollard, presidente da subsidiária latino-americana da Michael Page, multinacional inglesa do setor de recrutamento.

A boa fase em uma atividade como a de recrutamento é calculada pelo número de pessoas contratadas. Março, por exemplo, foi o melhor mês em ter-

mos de receita desde que a empresa se instalou no Brasil, “apesar do carnaval”, ressalva o francês.

A Michael Page começou a atuar na região em 2000 e, hoje, conta com 400 funcionários no Brasil, distribuídos em 14 escritórios, além de outros 250 no México, na Argentina e no Chi-

O comportamento dos salários

Brasil lidera nas três carreiras (em US\$ mil/ano)

Posição	Inglaterra		França		Brasil		Argentina		México	
	Mín.	Máx.	Mín.	Máx.	Mín.	Máx.	Mín.	Máx.	Mín.	Máx.
Diretor Industrial	130	190	115	290	165	290	100	165	85	200
Diretor Financeiro	115	300	130	430	330	500	100	165	70	180
Diretor de Tecnologia	130	210	110	175	165	330	100	130	110	225

Fonte: Michael Page

le. Até o fim deste ano, pretende inaugurar um escritório na Colômbia. Segundo Hollard, os planos para o Brasil são de abrir entre três e cinco novas praças. Com esse desempenho, a subsidiária brasileira ocupa a terceira posição entre os melhores resultados no grupo, atrás de Inglaterra, França e Austrália, que dividem o segundo lugar. Além disso, desde janeiro o país lidera os negócios da América Latina.

A explicação para o crescimento na região, especialmente no Brasil, é muito simples. A economia tem crescido a boas taxas, os índices de desemprego estão em queda constante e as empresas, que antes tinham no mercado internacional uma frente importante para reforçar a receita, voltaram-se para países “descolados” dos efeitos da recessão global. Graças a esse conjunto de fatores, o Brasil é um dos principais destinos de investimentos para novos projetos, o que movimenta bastante o mercado de trabalho.

No ano passado, a Michael Page brasileira intermediou 6,5 mil contratações, em uma média entre 500 e 600 por mês. Já a subsidiária do México recrutou de 120 a 150 profissionais por mês no mesmo período.

Do faturamento do grupo na região – R\$ 100 milhões no ano passado, ou 60% de incremento sobre a receita de 2009 –, 75% vêm dos negócios no Brasil, 15%, do México e o restante é dividido entre Argentina e Chile.

Apesar da boa fase, Hollard alerta para os riscos do apagão de mão de obra no Brasil: “As árvores não crescem até o céu. Até onde vamos com a

falta de profissionais, o aumento dos salários, a alta do custo de vida?” De um ano para cá, diz o executivo, os salários no país subiram de 20% a 30%.

No caso das vagas para o setor de petróleo e gás, as remunerações duplicaram nos últimos 12 meses. Um mergulhador de águas profundas, que trabalha em plataformas de petróleo em alto-mar, pode ganhar de R\$ 20 mil a R\$ 25 mil por mês. Os bons salários e a falta de profissionais qualificados para a área têm levado as empresas de recrutamento a buscar candidatos em lugares com mais tradição na atividade petrolífera, como Houston (EUA) e Dubai (Emirados Árabes Unidos). Se a demanda continuar na atual proporção, acredita Hollard, o próximo setor que vai sofrer com a crise de mão de obra será o de mineração.

O executivo dá outro exemplo que comprova como tem se comportado o mercado de trabalho brasileiro. Segundo ele, a cada dez ofertas de emprego que passam pela Michael Page, oito resultam em uma contraoferta por parte do empregador. Isso, de acordo com ele, mostra quão difícil tem sido “seguir” os funcionários.

LADO NEGATIVO

A alta dos salários tem gerado um problema a mais para grandes escritórios de recrutamento, como a Michael Page. Como explicar às multinacionais, por exemplo, que um brasileiro pode chegar a receber o dobro do valor do bônus pago a um executivo inglês? Recentemente, Hollard teve de intermediar as conversas entre a subsidiária brasileira

de um banco europeu e sua matriz para explicar o motivo do pagamento de bônus tão elevados no país: mercado aquecido. “Percebeu-se, ao fim das contas, que sairia mais barato trazer 30 expatriados para o Brasil”, conta.

O interesse pela boa fase do mercado de trabalho brasileiro e a possibilidade de pegar carona nos salários inflacionados são tão grandes que Hollard recebe, em média, dez currículos de estrangeiros por dia, interessados em migrar em busca de um emprego, bom salário e pacotes de benefícios. “Desde a crise, há menos vagas nos Estados Unidos e na Europa do que no Brasil”, explica Hollard.

O executivo da Michael Page, assim como outros especialistas da área de carreiras, teme quanto ao futuro do Brasil. “Se o país quer ser um dos top 5 da economia mundial, tem de investir muito na área de educação. Do contrário, não vai demorar muito para seu crescimento ser comprometido. Há urgência no assunto, porque o retorno desse tipo de investimento leva de cinco a dez anos. Mas a necessidade é imediata”, avalia.

Além da necessidade de investir na formação de profissionais, Hollard avalia que o governo deve continuar tentando resfriar a economia. “O Brasil tem a vantagem de, ao contrário dos países europeus, olhar sempre para a frente, para o futuro, não para o retrovisor. Mas, sem um planejamento de longo prazo, pode ficar mais difícil sustentar esse crescimento”, afirma. E, nesse caso, a emenda pode ser bem mais penosa que o soneto. ■